



Notas Sobre Literatura Leitura e Linguagens 2

Angela Maria Gomes
(Organizadora)

Atena
Editora

Ano 2019

Angela Maria Gomes
(Organizadora)

Notas sobre Literatura, Leitura e Linguagens 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

N899 Notas sobre literatura, leitura e linguagens 2 [recurso eletrônico] /
Organizadora Angela Maria Gomes. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Notas Sobre Literatura, Leitura e Linguagens;
v.2)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7247-070-4
DOI 10.22533/at.ed.704192501

1. Leitura – Estudo e ensino. 2. Literatura – Estudo e ensino.
3. Linguística. I. Gomes, Angela Maria.

CDD 372.4

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Notas sobre Literatura, Leitura e Linguagens vem oportunizar reflexões sobre as temáticas que envolvem os estudos linguísticos e literários, nas abordagens que se relacionam de forma interdisciplinar nessas três áreas, na forma de ensino e dos seus desdobramentos.

Abordando desde criações literárias, contos, gêneros jornalísticos, propagandas políticas, até fabulas populares, os artigos levantam questões múltiplas que se entrelaçam no âmbito da pesquisa: Desde o ensino de leitura, de literatura em interface com outras linguagens e culturas que fazem parte do contexto nacional, como a indígena, a amazonense, a dos afros descendentes até vaqueiros mineiros considerados narradores quase extintos que compartilham experiências e memórias do ofício, as quais são transcritas. Temas como sustentabilidade, abordagens sobre o gênero feminino e as formas de presença do homem no contexto da linguagem também estão presentes.

Os artigos que compõem este volume centram seus estudos não apenas no texto verbal e escrito, mas nas múltiplas linguagens e mídias que configuram a produção de sentidos na contemporaneidade. A evolução da construção de novas composições literárias com uso de imagens, vídeos, sons e cores foi aqui também tema de pesquisas, assim como o uso das novas tecnologias como prática pedagógica, incluindo Facebook – mídia/rede virtual visual – e o WhatsApp - aplicativo para a troca de mensagens -. Falando em novas práticas, o estudo do modelo de sala invertida - Flipped Classroom - que propõe a inversão completa do modelo de ensino, igualmente foi aqui apresentado e estudado como proposta de prover aulas menos expositivas, mais produtivas e participativas.

A literatura é um oceano de obras-primas. Diante desse manancial de possibilidades, a apreciação e análises comparativas de grandes nomes apresentados aqui, incluindo William Shakespeare, Guimarães Rosa, Machado de Assis, João Ubaldo Ribeiro, Carlos Drummond de Andrade, Rubens Fonseca, Dias Gomes, entre outros, traz uma grande contribuição para se observar cada componente que as constitui. Desse modo, fica mais acessível a compreensão, interpretação e assimilação dos sentimentos e valores de uma obra, fazendo um entrelaçamento da leitura, literatura e estudos da linguagem.

Assim, esta coletânea objetiva contribuir para a reflexão conjunta e a conexão entre pesquisadores das áreas de Letras - Linguística e Literatura - e de suas interfaces, projetando novos caminhos para o desenvolvimento socioeducacional e científico.

Angela Maria Gomes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
DESEMPENHO DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA EM UM TESTE ESCRITO	
Ariane Moreira Tavares Eduardo Batista da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7041925011	
CAPÍTULO 2	17
(DES) ENCONTROS, O MUNDO UNE E SEPARA: O ENTRE-LUGAR EM GUIMARÃES ROSA E MIA COUTO	
Josiane Lopes da Silva Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.7041925012	
CAPÍTULO 3	26
DIÁLOGO ENTRE CÂNONE E PRODUÇÃO DE FICÇÃO CONTEMPORÂNEA: DO TRADICIONAL AO ATUAL	
Kátia Cristina Pelegrino Sellin Ricardo Magalhães Bulhões	
DOI 10.22533/at.ed.7041925013	
CAPÍTULO 4	37
DIÁLOGO SOCIAL E FORÇAS ESTRATIFICADORAS DA LÍNGUA: UMA ANÁLISE DIALÓGICA ATRAVÉS DAS RÉPLICAS ATIVAS NAS PUBLICAÇÕES DO MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL) NO INSTAGRAM	
Manuel Álvaro Soares dos Santos Erika Maria Santos de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.7041925014	
CAPÍTULO 5	52
ENEIDA MARIA DE SOUZA: A CRÍTICA QUE É A MIM TÃO CULT	
Camila Torres Edgar César Nolasco dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.7041925015	
CAPÍTULO 6	64
ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA PARA SURDOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Iris Cynthia de Souza Ferreira Antonio Henrique Coutelo de Moraes Madson Góis Diniz	
DOI 10.22533/at.ed.7041925016	
CAPÍTULO 7	73
ENTRE O NADA E O TUDO- A MORTE HUMANA	
Denise Moreira Santana Nathália Coelho da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7041925017	
CAPÍTULO 8	83
EDUCAÇÃO PARA A LUTA: UMA LEITURA DO CONTO “FAUSTINO”, DE JOSÉ LUANDINO VIEIRA	
Diana Gonzaga Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.7041925018	

CAPÍTULO 9	90
ESPAÇO E OPRESSÃO EM SELVA TRÁGICA DE HERNÂNI DONATO	
Jesuino Arvelino Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.7041925019	
CAPÍTULO 10	101
<i>ESPAÑOL CON FINES ESPECÍFICOS: ESTRUTURANDO UMA DISCIPLINA DE ESPAÑOL DE LOS NEGOCIOS</i>	
Pedro Paulo Nunes da Silva	
Silvia Renata Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.70419250110	
CAPÍTULO 11	115
EXISTENCIALISMO E SURREALISMO EM DESERTO DOS TÁRTAROS DE DINO BUZZATI: ANÁLISE DA RELEITURA CINEMATOGRAFICA DE VALERIO ZURLINI	
Sandra dos Santos Vitoriano Barros	
Helciclever Barros da Silva Vitoriano	
DOI 10.22533/at.ed.70419250111	
CAPÍTULO 12	127
O FACEBOOK E O ENSINO DE LÍNGUA: UMA PROPOSTA POSSÍVEL	
Josefa Maria dos Santos	
Benedito Gomes Bezerra	
DOI 10.22533/at.ed.70419250112	
CAPÍTULO 13	145
IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS DO USO DA INTERTEXTUALIDADE NO ENSINO DE LITERATURA NO ENSINO MÉDIO	
Ronaldo Miguel da Hora	
DOI 10.22533/at.ed.70419250113	
CAPÍTULO 14	159
LEITURAS ROSIANAS: COMICIDADE, CULTURA E LITERATURA	
João Paulo Santos Silva	
DOI 10.22533/at.ed.70419250114	
CAPÍTULO 15	167
LITERATURA E AS MÍDIAS VISUAIS: UMA RELAÇÃO	
Lídia Carla Holanda Alcantara	
DOI 10.22533/at.ed.70419250115	
CAPÍTULO 16	177
LITERATURA E TANATOLOGIA EM QUESTÃO: QUANDO A MORTE FALA DA VIDA	
Katrícia Costa Silva Soares de Souza Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.70419250116	
CAPÍTULO 17	190
MACABÉA FRENTE AO ESPELHO: DISSONÂNCIAS PROLÍFERAS E RESSONÂNCIAS DO GAUCHE DRUMMONDIANO	
Saul Cabral Gomes Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.70419250117	

CAPÍTULO 18	200
MEMÓRIA CULTURAL: ANÁLISE DA FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DO INDÍGENA BRASILEIRO POR MEIO DO CONHECIMENTO ANCESTRAL	
Aline Santos Pereira Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.70419250118	
CAPÍTULO 19	211
NARRADOR E FOCALIZAÇÃO NO ROMANCE <i>ÍRISZ: AS ORQUÍDEAS</i> , DE NOEMI JAFFE	
Josilene Moreira Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.70419250119	
CAPÍTULO 20	221
NARRADORES DE JAVÉ: UMA ANÁLISE DA LÍNGUA COMO INTERPRETANTE DA SOCIEDADE	
Aline Wieczikovski Rocha	
Catiúcia Carniel Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.70419250120	
CAPÍTULO 21	231
NARRATIVAS DE PROFESSORAS: PRESENCAS E SENTIDOS DE PRÁTICAS LEITORAS NA CRECHE	
Luziane Patricio Siqueira Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.70419250121	
CAPÍTULO 22	242
“NAVEGANDO À TERRAS DISTANTES”: TEATRO CONTEMPORÂNEO PARA CRIANÇAS	
Diego de Medeiros Pereira	
Simoni Conceição Rodrigues Claudino	
DOI 10.22533/at.ed.70419250122	
CAPÍTULO 23	255
O DESAFIO DAS LITERATURAS INDÍGENA E AFRO-BRASILEIRA: AÇÕES DE RESISTÊNCIA E RESILIÊNCIA	
Ana Claudia Duarte Mendes	
Dejair Dionísio	
DOI 10.22533/at.ed.70419250123	
SOBRE A ORGANIZADORA	270

MEMÓRIA CULTURAL: ANÁLISE DA FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DO INDÍGENA BRASILEIRO POR MEIO DO CONHECIMENTO ANCESTRAL

Aline Santos Pereira Rodrigues

Universidade Federal do Paraná

Curitiba – Paraná

RESUMO: Considerando a relação entre o eu e o outro, determinada no âmbito social, há considerações a serem estabelecidas a partir da construção cultural tecida nesse meio. O sentimento de pertencimento cultural, por sua vez, delinea-se face aos vínculos desenvolvidos entre os sujeitos. Tendo em vista a cultura indígena brasileira, um dos aspectos a serem ressaltados na busca pela perpetuação de suas tradições é a ancestralidade, relacionada à memória cultural e transmitida oralmente por gerações. Assim, esta pesquisa teve como objetivo analisar a construção da identidade dos nativos brasileiros a partir de sua memória cultural registrada na Literatura Indígena Brasileira, de modo a ressaltar o valor do conhecimento ancestral e seu impacto para a preservação desse povo e sua cultura. A fim de promover uma percepção sobre alteridade, este estudo buscou, em um primeiro momento, a compreensão de conceitos acerca da construção da identidade dos indivíduos, sendo essas delineadas no plano individual e coletivo; relacionando a concepção da pluralidade do eu face ao outro, assim como a hibridização cultural, tendo em vista aspectos que permeiam

a construção das culturas. As reflexões apresentadas a partir da obra objeto de estudo, *Wamrême Za'ra – Nossa palavra: Mito e história do povo Xavante*, de Sereburã et al. (1998), refletem um novo olhar às culturas indígenas brasileiras, de modo a reconhecer, além da sua Literatura, elementos que transpõem o anseio pela perpetuação de sua cultura e tradição.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Indígena Brasileira. Ancestralidade. Memória Cultural.

ABSTRACT: Considering the relationship between the self and the other, determined in the social sphere, there are considerations to be established from the cultural construction in that environment. The sense of cultural belonging, in turn, delineates in the face of the bonds developed between people. In view of the Brazilian native culture, one of the aspects to be emphasized in the search for the perpetuation of its traditions is ancestry, related to cultural memory and transmitted orally for generations. Thus, this research aimed to analyze the construction of the identity of Brazilian natives from their cultural memory recorded in the Brazilian Natives Literature, to highlight the value of ancestral knowledge and its impact for the preservation of this people and their culture. To promote a perception about otherness, this study first sought to understand concepts about the construction of individuals' identity,

which are outlined at the individual and collective levels; relating the conception of the plurality of the self to the other, as well as cultural hybridization, in view of aspects that permeate the construction of cultures. The reflections presented from the object of study, *Wamrêmé Za'ra – Nossa palavra: Mito e história do povo Xavante*, by Sereburã et al. (1998), reflect a new look at Brazilian natives cultures, in order to recognize, in addition to their Literature, elements that transpose the yearning for the perpetuation of their culture and tradition.

KEYWORDS: Brazilian Native Literature. Ancestry. Cultural Memory.

1 | INTRODUÇÃO

A partir do entrelaçar identitário presente na relação entre o eu e o outro como indivíduos ativos em determinada sociedade, há a necessidade da compreensão sobre os laços culturais que unem os indivíduos e como essas relações se fortalecem e se perpetuam. A cultura indígena brasileira apresenta aspectos que compõem sua tradição em busca do fortalecimento dos conhecimentos tecidos ao longo de gerações. A partir dessa perspectiva, há a necessidade de considerações frente à ancestralidade, elemento importante na construção da cultura nativa, tendo em vista a oralidade no processo de transmissão de experiências e construção de identidades e vínculos entre os indígenas brasileiros. Além disso, é necessário ressaltar a Literatura Indígena Brasileira como forma de registrar e expressar tais traços culturais que fazem parte dessa sociedade.

Assim, este estudo teve como objetivo analisar a construção da identidade dos nativos brasileiros a partir de sua memória cultural registrada pela Literatura Indígena Brasileira, de modo a ressaltar o valor do conhecimento ancestral e seu impacto para a preservação desse povo e sua cultura. Pretende-se contribuir para a reflexão sobre a cultura indígena brasileira considerando a leitura da obra *Wamrêmé Za'ra – Nossa palavra: Mito e história do povo Xavante* (1998), com autoria de Sereburã et al., que constitui o *corpus* da pesquisa, bem como reflexões a partir da relação entre o eu e o outro tendo em vista a perspectiva da alteridade. Buscou-se identificar aspectos da cultura indígena brasileira, ressaltando a ancestralidade e a memória cultural como elementos essenciais na perpetuação dessa cultura, incidindo sobre a construção identitária indígena. O desenvolvimento de um novo olhar sobre a cultura nativa proporcionado pelos textos literários de autoria indígena contribui para a edificação de reflexões nos âmbitos das áreas literárias, culturais, históricas e antropológicas, visto que promove a ampliação de perspectivas acerca das identidades indígenas brasileiras.

Além da análise e reflexão da obra *corpus* deste estudo, foram lidas e discutidas as seguintes obras de fundamentação teórica: *O sentido dos outros: atualidade da antropologia*, de Augé (1999); *Introdução a uma poética da diversidade*, de Glissant

(2005); *A identidade cultural na pós-modernidade*, de Hall (2015); *Memória e sociedade: lembrança de velhos*, de Bosi (1994) e *Memória e identidade*, de Candau (2011), como obras principais para a reflexão acerca dos objetivos propostos neste estudo. Além desses, outros textos se fizeram presentes para maior embasamento teórico, sendo eles: *A oralidade perdida: ensaios de história das práticas letradas*, de Daher (2012); *Literatura e identidade nacional*, de Bernd (2003); *Cultura com aspas e outros ensaios*, de Cunha (2009); *Carteiras de identidade(s) de validade limitada*, de Olinto (2002); *Entre-lugar*, de Hanciau (2010); *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*, de Graúna (2013) e *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*, de Ong (1998).

Os textos mencionados conduziram ao desenvolvimento de reflexões tecidas sobre a concepção de alteridade, características que compõem a cultura indígena brasileira e revelam a importância da voz ancestral; transcendendo perspectivas e elencando novas interpretações, a pesquisa promoveu a desconstrução de estereótipos e visões do senso comum e a percepção da formação da identidade nativa face à memória cultural pela Literatura Indígena Brasileira. Dessa maneira, a partir da metodologia empregada neste estudo e reflexões construídas, este artigo se organiza da seguinte maneira: em um primeiro momento disserta-se sobre a relação entre o eu e o outro e como isso se transpõe para a construção de identidades culturais; na sequência aborda-se sobre a memória como instrumento edificador em uma determinada tradição e, por fim, há a análise da obra *corpus* desta pesquisa, além das considerações finais e referências bibliográficas. É válido mencionar que este trabalho é fruto de um estudo mais aprofundado desenvolvido pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), vigência 2015-2016, orientado pela Professora Dra. Janice Cristine Thiél (PUCPR), premiado no XXIV Seminário de Iniciação Científica da PUCPR e já entregue como relatório final vinculado à instituição.

2 | EU E O OUTRO NA CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES CULTURAIS

Considerando a pluralidade do indivíduo construída em cada experiência, seja essa social ou individual, que ele obtém ao longo da vida, é possível afirmar que ao refletir sobre um único sujeito estamos diante de uma gama extremamente elevada de informações e conexões sociais. Augé (1999, p. 15), a partir da percepção sobre alteridade, estabelece a importância do eu e do outro, afirmando que “é somente na e pela vida social, a atualização da relação com o outro, que se pode efetuar a edificação de uma estrutura simbólica igualmente oferecida a todos os membros dessa sociedade”. No que se refere à expressão “estrutura simbólica”, teorizada pelo autor, vincula-se ao termo cultura, uma vez que essa, em um primeiro momento, pode ser caracterizada como uma grande névoa envolvendo os sujeitos, de maneira que eles veem seus horizontes através dela.

Ainda nessa perspectiva, Augé (1999, p. 15) declara que “a vida social, para cada um, passa pela realização e a conjugação dos sistemas que a definem a preexistem a toda relação concreta”; logo, os indivíduos socialmente conectados, estabelecem, por meio da cultura, laços que os unem e, ao mesmo tempo, hibridizam identidades. Assim, o eu necessita da imersão em uma sociedade para poder caracterizar sua individualidade, do mesmo modo como o coletivo precisa abarcar várias identidades para poder tornar-se único.

Cunha (2009), ao dissertar sobre cultura e a importância dela para a construção de sociedades, afirma a complexidade desse termo. A autora postula que, ao longo dos séculos, há uma batalha entre “cultura em si” e “cultura para si”, expressões destinadas a povos não conhecidos e que, por diversas vezes, não tiveram sua cultura reconhecida, uma vez que, aos olhos daquele que desconhece, as crenças merecedoras de estímulos e práticas deveriam vir de fora, de sociedades maiores. Glissant (2005) discute certa dicotomia de conceitos ao teorizar sobre cultura. A fim de compreendê-la melhor, o estudioso apresenta as culturas atávicas e compósitas, esclarecendo que a primeira estaria vinculada à noção de uma filiação, princípio de uma Gênese, desenvolvendo-se, a partir desse pensamento, os mitos fundadores. O autor afirma que tais mitos se edificam com o intuito de fazer com que, a partir da determinação de território, determinada cultura se enraizasse, emergindo o sentimento de Gênese por meio de uma filiação legítima; dessa maneira, os mitos fundadores têm como objetivo à legitimação da comunidade. A cultura compósita, por sua vez, aponta o outro como referência, assim, apresenta-se um sistema histórico diferente das culturas atávicas, uma vez que há o reconhecimento das múltiplas verdades a partir do outro. Glissant (2005), a partir dessa visão, adverte que ambas as culturas apresentadas vivem em conjunto e, portanto, não é correto estabelecer primazia sobre uma. Ao contrário, “em nossos dias temos que conciliar a escrita do mito e a escrita do conto, a memória da Gênese e a pré-ciência da Relação, e essa é uma tarefa difícil. Mas que outra poderia ser mais bela?” (GLISSANT, 2005, p. 76).

Ao refletir sobre identidades culturais, Hall (2015) particulariza a identidade nacional, apresentando a concepção de nação não apenas como uma entidade política, mas um sistema de representação cultural, afirmando que “as pessoas não são apenas cidadãos legais de uma nação; elas participam da ideia da nação tal como representada em sua cultura nacional” (HALL, 2015, p. 30). Dessa maneira, segundo o autor, as culturas nacionais são compostas, além de instituições culturais, por símbolos e representações, fazendo com que, ao estabelecer sentidos para a nação, construam-se identidades. A partir dessa perspectiva, é possível estabelecer a concepção de identidades individuais e identidades coletivas (ou identidades partilhadas), defendidas por Augé (1999), visto que a primeira reflete o indivíduo em sua singularidade, como único em seu meio social, e a última apresenta o indivíduo como ser atuante em determinada sociedade, contribuindo, a partir de sua individualidade, para a construção de uma identidade comum, o que permite o desenvolvimento cultural.

3 | ENTRE O SABER E O SER

Tendo em vista o sujeito como ser hibridizado culturalmente a partir de suas experiências com o outro, é possível afirmar que o desenvolvimento da pluralidade do indivíduo transcende não somente o espaço físico em que ele está inserido, mas também aspectos temporais. Nessa perspectiva, pode-se refletir sobre a cultura indígena brasileira, uma vez que, atrelados à oralidade há movimentos memorialísticos que recuperam situações já vivenciadas, contribuindo para a perpetuação cultural desses povos. Assim, a partir da memória cultural, compartilhada entre anciões e jovens, desenvolve-se vínculo identitário nessa sociedade, fortificando-se, portanto, a tradição das comunidades nativas.

Candau (2011, p. 121), ao elencar considerações acerca da relação entre memória e tradição, afirma que “para viver e não apenas sobreviver, para ser transmitida e [...] recebida pelas consciências individuais ‘em inter-relação, em conexão de papéis, [...]’, essa combinação deve estar de acordo com o presente de onde obtém sua significação”; desse modo, segundo o autor, a tradição surge como uma consequência da atualização do passado no presente.

Ao estabelecer perspectiva acerca da edificação e consolidação da memória, refletindo sobre a maneira como o recurso memorialístico se faz presente para as pessoas mais velhas, Bosi (1994) destaca estudos de Henri Bergson na área da psicologia da memória. Com base na posição de Bergson, a autora disserta sobre ação e representação, diferenciando imagem-cérebro-ação e imagem-cérebro-representação, sendo a primeira vinculada ao esquema motor do indivíduo, e a última como movimento de percepção que ele desenvolve: “apesar da diferença entre o processo que leva à ação e o processo que leva a percepção, um e outro dependem, fundamentalmente, de um esquema corporal que vive sempre no momento atual, imediato” (BOSI, 1994, p. 44). Assim, é necessário observar perspectiva no que se refere às lembranças, movimento abstrato que permeia a memória do ser, uma vez que as representações construídas no indivíduo advêm da relação entre percepções e lembranças.

Considerando o ato de “lembrar-se”, pode-se relacioná-lo às culturas indígenas brasileiras, visto que as lembranças que permeiam as tribos são elementos que contribuem para a perpetuação da tradição dessas sociedades. Desse modo, a ancestralidade representa, por sua vez, a ligação dos suspiros do presente com os ensinamentos desenvolvidos no passado; assim, ao remeter à fala das pessoas mais velhas da tribo, a literatura permite a transmissão de crenças e conhecimentos transpostos por gerações. Bosi (1994, p. 46) afirma:

A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo

tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, ‘desloca’ estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.

Ainda considerando os estudos de Bergson, Bosi (1994) admite dois tipos de memórias: a memória-hábito e a lembrança pura. A primeira pode ser associada à noção de imagem-cérebro-ação, relacionada a esquemas de comportamento e mecanismos motores, refletindo certo adestramento cultural que o indivíduo recebe ao longo de sua vida; a lembrança pura, por sua vez, pode ser vinculada à imagem-cérebro-representação, uma vez que não admite aspectos de caráter mecânico, mas evocativo, ligada às zonas profundas do psiquismo, esse denominado por Bergson como inconsciente.

No que se refere à evocação de lembranças face ao acesso ao passado, Bosi (1994) postula que esse processo pode ser considerado, também, como uma experiência de releitura. Assim, tendo em vista o ancião indígena e determinada situação que ele já vivenciou, é possível afirmar que o encontro que o ancião faz com sua memória apresenta fragmentos da sua vivência, emergindo o sentimento associado à experiência delineada no passado. Nesse movimento de releitura da situação, o sujeito busca sentir as mesmas emoções já vivenciadas, porém, há aspectos que diferem nesse anseio, visto que nesse segundo momento há a atenção para a formulação de conhecimentos advindos da experiência, o emergir de novas interpretações sobre aquilo vivenciado no passado, a fim de poder transmitir tal visão àqueles que não estiveram presentes na ação experimentada. Assim, “tudo se passa como se o objeto fosse visto sob um ângulo diferente e iluminado de outra forma: [...] embora reconhecendo-as [as partes da memória], não podemos dizer que elas tenham permanecido o que eram antes” (BERGSON, 1896 apud BOSI, 1994, p. 57). Sendo assim, o ancião, nesse caso, não revive a experiência, mas a refaz.

4 | A PALAVRA XAVANTE

Considerando que “uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito” (BOSI, 1994, p. 81), há destaque para a obra *Wamrême Za’ra – Nossa palavra: Mito e história do povo Xavante*, com a autoria de Sereburã et al. (1998), texto que reúne as experiências de cinco anciões: Sereñimirãmi, Hipru, Rupawê, Sereburã e Serezabdi, da aldeia Etêñiritipa, conhecida como Pimentel Barbosa, localizada no estado do Mato Grosso. A história desse livro, segundo as primeiras páginas do mesmo, é o resultado de um trabalho desenvolvido pela equipe do Núcleo de Cultura Indígena, articulado por doze anos, em que houve, além do trabalho de gravação das palavras dos mais velhos da tribo, a preocupação com a tradução dos discursos: “transportar

a riqueza das narrativas, prender no papel as histórias, é tarefa muito difícil! Elas são leves demais, são grandes demais para caber nas palavras que os *warazu* [povo branco] inventaram” (FLÓRIA & PAPPANI, 1998 apud SEREBURÃ, 1998, p. 12-13).

Assim, nas primeiras páginas da obra, é possível notar o anseio pelo conhecimento ancestral, visto que Sereburã et al. são os últimos herdeiros de uma tradição transmitida no *Hö*, lugar da cerimônia de passagem da adolescência para a vida adulta que meninos vivenciam na tribo, em um tempo de liberdade. Dessa maneira, esses anciões buscam manter vivo o pensamento e a sabedoria dos avós do povo Xavante, nomeados de *wahirada*, os quais participaram de conflitos e guerras. Tendo isso em vista, vislumbra-se que a sabedoria ancestral afirma a identidade dos povos indígenas, em especial do povo Xavante, corroborando a perspectiva de Bosi (1994, p.82):

Ele [ancião], nas tribos antigas, tem um lugar de honra como guardião do tesouro espiritual da comunidade, a tradição. (...) O vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância.

A obra de Sereburã et al. (1998) reúne, a cada capítulo, histórias que marcam a tradição Xavante como, por exemplo, a história do tempo da escuridão, história do céu, *Wapté* e a estrela, história dos criadores, bem como a história da água grande e a história do povo que não se deixa ver. Em certo momento, Sereburã et al. (1998) apresentam a história do fogo, narrando que o conhecimento desse elemento se delineou a partir da caçada empreendida por dois homens, cunhados, em busca de filhotes de arara-vermelha. Ao encontrar um ninho, um dos rapazes, maravilhado com os pássaros, mentiu para o outro que lá havia apenas ovos, que os filhotes ainda estavam para nascer; irritado com a mentira, *Iza'õmo* deixou *Ai'ãre* para trás, pendurado em uma árvore, e retornou para a aldeia. Transcorridos alguns dias, o avô de *Ai'ãre*, preocupado com o desaparecimento do neto, decide ir em busca do menino e, ao encontrá-lo, resgata-o da árvore, leva-o para sua casa, alimenta-o e cuida para que o garoto recupere a vitalidade. *Ai'ãre* descobre que seu avô possui o conhecimento do fogo, porém o ancestral pede para que o menino não conte a nenhuma outra pessoa sobre tal sabedoria, alegando que não teria dó de ninguém se o segredo fosse revelado. “Naquele tempo o povo *A'uwê* [maneira pela qual o povo Xavante se autodenomina] não conhecia o fogo. Só comia coró e pau podre. E dormia na escuridão” (SEREBURÃ et al. 1998, p. 57). Ao retornar para sua casa, o rapaz, ao contrário do que seu avô lhe pediu, “conta toda a história. E conta onde está o fogo, escondido no pé de jatobá” (SEREBURÃ et al., 1998, p. 59). Os membros da aldeia decidem buscar o fogo e trazer para o *Warã*, centro da aldeia onde acontecem todas as reuniões e cerimônias; os meninos que têm a chance de segurar um pedaço de lenha em brasa começaram a passá-la no corpo para se enfeitar, transformando-se, segundo Sereburã et al. (1998), em passarinhos. “Foi assim que surgiu o fogo. Foram

assim que os meninos viraram passarinhos. Foi assim que os *A'uwê* viraram animais. Nós que sobramos, somos humanos. Agora, todas as casas ficam iluminadas à noite” (SEREBURÃ et al., 1998, p. 60).

Partindo da perspectiva de que “os ancestrais não deixaram papéis para nós. Temos a história na memória. Só na memória. E mesmo assim, com a palavra, mantemos nossa história viva” (SEREBURÃ et al., 1998, p. 98), os anciões, autores da obra, apresentam os primeiros contatos delineados entre a tribo Xavante e o povo branco, a partir do capítulo intitulado *Os warazu entram na aldeia*. Desse modo, apresentam-se situações como: o avião que sobrevoou a aldeia, descrito como “quando vimos o avião pela primeira vez, as crianças ficaram com medo e se esconderam no meio do capim, se enfiando” (SEREBURÃ et al., 1998, p. 149); a mulher que foi viver com o homem branco; o contato, conflito e aproximação desenvolvidos entre o povo Xavante e o povo branco; a fixação de limites territoriais, a partir da postura em que “as novas gerações sabem muito bem que é esse povo, o warazu. Devem observar o que vai acontecendo. Devem estar atentos” (SEREBURÃ, et al., 1998, p. 147); e a preservação do espaço físico onde se estabelece o povo *A'uwê*, uma vez que “este espaço, este território, é fundamental para continuarmos nossa Tradição. O Território e a Tradição têm que ser respeitados. A Tradição deve permanecer. Ela vem antes de nós e deve seguir em frente” (SEREBURÃ, et al., 1998, p. 153).

A partir das narrativas tecidas, e registradas, dos anciões Xavantes, é possível perceber que a memória ancestral, compartilhada a partir da oralidade, se expressa como patrimônio de um povo, algo que conecta os indivíduos para além dos traços da temporalidade, fazendo com que o sujeito possa rever seu passado para além de si mesmo, considerando as raízes ancestrais de sua tribo, e ansiar pelo futuro tendo a certeza de que, em algum momento, será lembrado pelas próximas gerações de sua comunidade. Assim, Flória & Pappiani (1998 apud SEREBURÃ, 1998, p. 10) afirmam que “quando um velho Xavante conta uma história, ele se transforma. [...] Ele cria gestos, sons, expressões, movimentos. [...] Revive, a cada história, o tempo da Criação. Traz para o presente os ancestrais mágicos que criaram todas as coisas”.

Em um dos relatos finais da obra estudada, capítulo intitulado *É assim*, os anciões explicam como se deu os primeiros passos dos Xavantes, assim como o contato com o povo branco, o ônus que tal contato trouxe (o fumo e doenças como a gripe, tosse, pneumonia) e porque sua Tradição deve ser mantida. Assim, delinea-se o trecho:

É assim que nós vivemos. Nós que estamos nesta aldeia, agora. Aqui nós vamos viver sempre. É aqui, [...] que nós vamos morrer. [...] Não sabemos como vamos viver daqui para a frente. O warazu está em volta. Para todo lado que vamos, encontramos arame farpado. Está tudo cercado. Até o rio das Mortes está sendo cercado. [...] É assim que eu estou falando. Vocês, meus netos, têm que tomar cuidado. Têm que cuidar de todo esse ensinamento. (SEREBURÃ, et al., 1998, p. 165).

Tendo isso em vista, é possível afirmar que o ancião, ao tomar a postura de

guardião dos conhecimentos ancestrais, transmite-os para a aldeia recorrendo sempre às suas lembranças, permitindo a construção da memória cultural do povo indígena e a perpetuação das suas tradições. É necessário pontuar, também, o quão perceptível é, durante a obra analisada, o sentimento de respeito e zelo que se é transmitido tanto para a palavra ancestral como para o portador dessa palavra, o ancião. Tal aspecto é extremamente interessante visto que faz com que haja sentimento cada vez maior de cumplicidade entre os nativos, isso transpõe-se também para a hibridização dos sujeitos em meio a tribo, uma vez que, ao escutar o ancião, o índio mais novo, plurifica seu eu mediante àquelas palavras, ele sabe que antes dele muito se houve e, a partir dessa concepção, pode-se inferir que vários aspectos que estão presentes no nativo jovem vêm se delineando desde muito antes do nascimento desse. Isso se afirma no trecho: “É assim! É assim que nós vamos continuar vivendo. Eu sou velho e enquanto viver vou seguir transmitindo a Tradição. [...] Vamos continuar essa Tradição. Sempre” (SEREBURÃ, et al., 1998, p. 165).

É válido ressaltar também que, ao final dessa obra, há um breve panorama histórico sobre a tribo Xavante. Tais informações datam desde os séculos XVI e XVII, período em que as bandeiras apresadoras de índios percorreram regiões de Goiás, até as décadas de 1980 e 1990, quando houve a criação da Associação dos Xavantes de Pimentel Barbosa, implementação de projeto de educação bilíngue, assim como a realização do Projeto Xavante – 50 Anos de Contato.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a Literatura Indígena Brasileira e elementos que permeiam a cultura nativa, é possível estabelecer considerações acerca da ancestralidade e memória cultural, elementos vivos na tradição nativa. Ao narrar um fato, pontuando os conhecimentos tecidos a partir dele, o ancião transmite a sua tribo experiências vivenciadas não somente por ele, mas por aqueles que um dia fizeram tais relatos; tal situação revela grande apelo às gerações, uma vez que, a partir do tempo presente, há conexões com o passado, próximo e remoto, assim como a busca pelo futuro e a perpetuação do conhecimento, portanto, da tradição compartilhada por esses povos.

A partir da fundamentação teórica a respeito de conceitos como alteridade, compreensão da relação entre o eu e o outro, a pluralidade do eu e o hibridismo cultural, apresentados por Augé (1999), Glissant (2005) e Hall (2015), foi possível ampliar conhecimentos, desenvolvendo perspectivas não somente sobre a construção das identidades, mas também sobre concepções culturais e sobre a maneira como o sujeito, considerando sua identidade coletiva, se relaciona com o meio social e com a tradição nas culturas indígenas brasileiras. Além disso, é necessário ressaltar a relevância da leitura das obras de Bosi (1994) e Candau (2011), uma vez que, a partir dessas, edificou-se perspectivas sobre memória cultural, ancestralidade e a importância

da lembrança; concepções, além das apresentadas no âmbito da alteridade e das construções identitárias, relacionadas à análise da obra *Wamrême Za'ra – Nossa palavra: Mito e história do povo Xavante* (1998), de Sereburã et al., fazem com que haja a compreensão da importância do conhecimento ancestral na construção da identidade do indígena frente à memória cultural registrada pela Literatura Indígena Brasileira.

Desse modo, considerando a cultura indígena brasileira, é possível afirmar o quão importante a literatura se faz para esses povos, uma vez que é, não somente, mas também, a partir das páginas literárias que há o registro de sua visão de mundo pelas narrativas na mais profunda imersão cultural. As reflexões apresentadas demonstram que essa pesquisa levou à busca pela compreensão da alteridade, da ancestralidade e da memória cultural na tradição literária indígena. A obra de Sereburã et al. (1998) revela a importância da sabedoria ancestral para a identidade Xavante, caracterizando o conhecimento da tribo como patrimônio. Sua leitura, à luz de pesquisas teóricas, nos leva ao aprendizado sobre a identidade indígena brasileira e sua interpretação pela Literatura.

Sereburã et al. (1998), ao transmitirem seus conhecimentos para essa obra, fazem com que seus ensinamentos, assim como aqueles que foram passados a eles, busquem a perpetuação não somente na oralidade, maneira como se mantém viva a memória ancestral, mas também no universo literário. Assim, além do povo Xavante, sujeitos não-índios podem ter acesso às visões ancestrais dessa comunidade. Tendo isso em vista, é possível construir novas perspectivas acerca da cultura nativa, desmistificar estereótipos e interpretações equivocadas, além de fazer com que se lance novo olhar a essas culturas, (re)conhecendo, em especial, a importância da memória cultural para a construção das identidades indígenas brasileiras, bem como a relevância que a Literatura possui para as tribos nativas.

Desse modo, ao se dispor a compreender novas culturas, em particular a cultura indígena brasileira, o pesquisador transpõe horizontes, conhecendo mais sobre si próprio perante as concepções apreendidas do outro. Por fim, é válido ressaltar, também, que esta pesquisa não representa um estudo finalizado, mas sim considerações que possibilitam ir além, a fim de buscar compreender outros elementos relacionados à complexidade das identidades nativas no multifacetado universo literário indígena brasileiro.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. **O sentido dos outros**: atualidade da antropologia. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.

BERND, Zilé. **Literatura e identidade nacional**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Cultura com aspas e outras ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

DAHER, Andrea. **A oralidade perdida**: ensaios de história das práticas letradas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: Editora UFJP, 2005.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

HALL, Stuart; tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HANCIAU, Nubia Jacques. Entre-lugar. In: FIGUEIREDO, Eurídice (Org.) **Conceitos de Literatura e Cultura**. Niterói: Editora UFF; Juiz de Fora: Editora UFJF, 2010.

OLINTO, Heidrun Krieger. Carteiras de identidade(s) de validade limitada. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita e BASTOS, Liliana Cabral (Org.) **Identities**: recortes multi e interdisciplinares. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

ONG, Walter J. **Oralidade e cultura escrita**: a tecnologização da palavra. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1998.

SEREBURÃ et al. **Wamrême Za'ra – Nossa palavra**: Mito e história do povo Xavante. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1998.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-070-4

